

Sambaxé

O início do projeto cultural “Sambaxé” está marcado para amanhã, a partir das 22 horas, no Centro de Arte Popular de Olinda, contando com a participação da Escola de Samba Samarina (campeã do Carnaval 89 do Recife) e do Afoxé Odolupandá, comemorando dois anos de existência. Segundo um dos integrantes da Produtora Vozes da Terra, responsável pelo evento, a iniciativa visa resgatar a verdadeira origem do samba nas raízes negras e difundir o afoxé dentro do estado. Todas as apresentações serão gravadas em VHS ficando à disposição da população no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Ufpe. Também será distribuído um folder com histórico da escola de samba e do afoxé. A promoção conta com o apoio da Fundação de Cultura, Turismo e Esportes de Olinda.

Grupo afro dança na praia para os pescadores

Quando a lua firmar-se este domingo, a pequena comunidade de Taubaté, localizada no município de Rio Formoso, estará se preparando para assistir a um espetáculo inusitado naquelas paragens. Danças e danças da cultura afro serão exibidas na Colônia de Pescadores pelos professores e alunos do I Estúdio de Dança Contemporânea Afro-Brasileira, encerrando a temporada do ano, formado por brasileiros e suíços, no solo pernambucano.

acontece um curso desta natureza no Brasil, tendo como meta unir diferentes estilos de dança, com participantes de diversas culturas. A responsável pela novidade é a bailarina e coreógrafa paulista, Regina Ribeiro, que há dez anos reside na Europa, atualmente em Bern, na Suíça, onde dirige a academia Contemporary Afro-Brazilian Dance, que está promovendo o estágio de dança.

Ela disse que de início recebeu propostas para fazer este curso - cujo custo é de mil dólares por aluno - no

eixo Rio/São Paulo ou no centro do Recife. "Mas eu queria a oportunidade de estabelecer um contato maior com a natureza, que é a base da dança afro", explicou, daí a opção por uma praia e não uma academia de ginástica; "aqui nós realizamos exercícios sentindo a areia nos pés, dançamos no mar e ao ar livre", enfatiza.

Mesmo porque, o I Estúdio de Dança Contemporânea Afro-Brasileira tem como tema os quatro elementos da natureza, "visando explorar os conflitos extremos e harmonia exis-

tente na terra, ar, água e fogo". O curso começou no dia 21 de dezembro do ano passado, dividido em três fases; a primeira com alongamento e dança contemporânea afro-brasileira terminou no dia 24/12, com ritmo intenso de atividades.

A segunda fase começou no dia 26 e acabou no dia 30/12, com as mesmas atividades, acrescida de desenvolvimento do senso rítmico e dança tradicional africana, representada pela capoeira, típica de Angola e que resiste até hoje. A última etapa foi de 02 a

06/01/90, com alongamento, dança contemporânea afro-brasileira e dança tradicional brasileira: frevo, coco, samba e lambada, todas ministradas por seis professores nacionais.

CENTRO

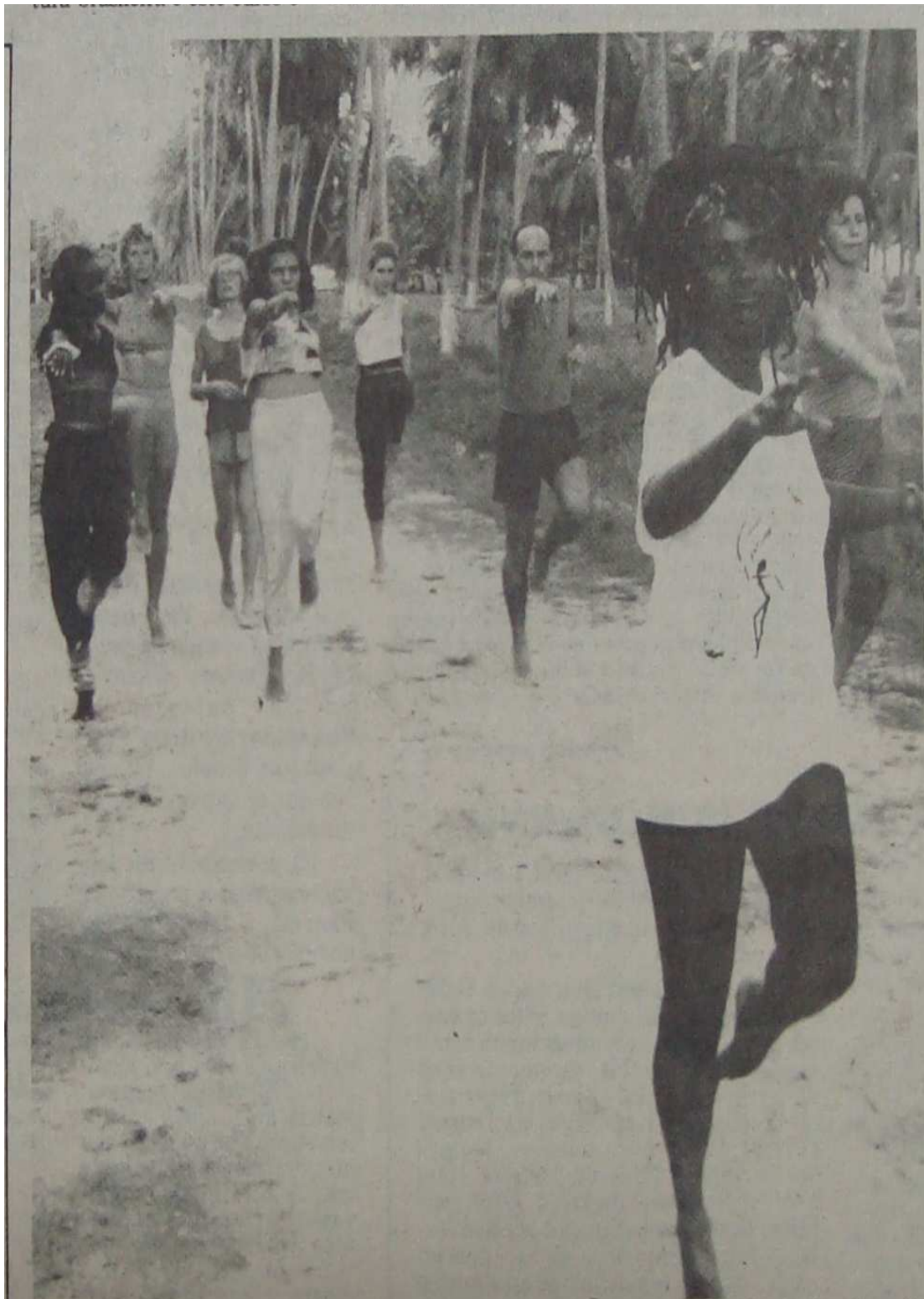
A intenção de Regina Ribeiro, com a realização deste estágio (já foram feitos na Suíça, França, Noruega, Itália e África) é bem mais ampla. A bailarina pretende construir um centro de intercâmbio cultural na área de atividades corporais, resgatando de uma vez a cultura brasileira e este curso é

uma das formas de conseguir financiamento para instalação do espaço, que poderá ser em Pernambuco ou Minas Gerais.

A idéia é que seja um local no campo, onde aconteceriam estágios de dança, ioga, massagem, percussão, com programação anual nacionais e internacionais, explica. Regina Ribeiro disse que espera, com isso, que a música afro-brasileira seja mais valorizada, principalmente nas universidades que mantêm cursos de Educação Física e usam sempre a música norte-americana,

"quando na verdade nós nos identificamos mais com o frevo e o samba", diz.

Em vias de retornar ao Brasil, após dez anos no Exterior, ela diz que "muita gente ainda não acordou para a riqueza cultural que nós temos", exemplo disso é que este estágio de dança despertou "o pouco apoio que tivemos" pelo fato de trazer estrangeiro na equipe", lamenta. Além disso, não conseguiu qualquer ajuda financeira no Brasil, 50% da divulgação foi paga por patrocinadores suíços e o restante a academia arcou.



O grupo tem se preparado em Tamandaré para uma apresentação hoje, à noite

Isto aconteceu, como ela explicou, porque sua firma é registrada na Suíça, então a burocracia para conseguir apoio financeiro é bem maior, através da Lei Sarney. "Aliás eu percebi que esta lei não é eficiente, não ajuda o artista, as Fundações de Cultura manipulam e mesmo que fosse uma empresa nacional seria um processo lento, longo e ineficiente", lastima. A equipe contou com apoio da Universidade Rural e do Ibama.

Regina explicou que procurou a Universidade Rural porque sabia que a instituição possuía departamentos afastados do centro, então foram oferecidas as instalações da antiga Escola de Pesca, atualmente pertencente ao Instituto do Meio Ambiente, onde funciona o Centro de Pesquisa e Extensão do Nordeste - Cepene. Foi lá que, durante 17 dias, suíços e brasileiros trocaram energias e vibrações, independente de barreiras de linguagem.

IDENTIFICAÇÃO

O irmão da bailarina, Luiz Ribeiro, formado em educação física e que também foi professor durante o estágio enfatizou a importância do intercâmbio e identificação do exercício físico com a dança. "Hoje a educação física está recebendo a dança e vice-versa", diz ele, reforçando que isto é bastante positivo. Da mesma opinião é a estudante Ana Paula, que participou do estágio em Tamaracaré.

Ela cursa Educação Física na Universidade Federal de Pernambuco e foi uma das cinco brasileiras que enfrentou o estágio de dança, como aluna bolsista (os suíços eram em número de 13). Ana Paula afirmou que a partir de hoje, mudará o rumo que pensava em dar ao seu futuro profissional "e tem também o lado educativo, nós podemos levar o que aprendemos até às crianças, trabalhando o corpo como um todo e não apenas o exercício físico".

A bailarina Regina Ribeiro, 31 anos, é diretora e coreógrafa do Grupo Bandança, Afro Brazilian Jazz Dance Company. Representou o Brasil em Lowel Festival, EUA/81, Festival Avignon, França/82, Ozone Jazz Festival, Suíça/82 e 85 e Amnestie International Festival, Suíça/86. Realiza espetáculos e participa de shows e festivais, além de organizar e participar de vários estágios internacionais de dança.

A revitalização do baque

Com a finalidade de revitalizar os maracatus de baque-virado (são apenas nove os conjuntos da categoria, no momento, em atividade), a Fundação de Cultura Cidade do Recife e a TV Jornal, vão realizar, a partir do próximo dia 22, o I Encontro de Maracatu do Recife, com a participação de vários maracatuzeiros, especialistas em folclore e estudiosos do assunto.

A abertura será às 19h, do dia 22, no forte das Cinco Pontas - atual Museu da Cidade do Recife -, com a exibição no Pátio D'Armas, do maracatu rural Leão Coroado e do maracatu de baque-virado Estrela Brilhante. Logo depois, terão início os debates, contando com a participação de Leonardo Dantas Silva, Roberto Benjamim, Elza Loureiro, Olímpio Bonald Neto, Ademir Araújo, professor José Amaro, Cabeleireira (do Estrela Brilhante), Luiz de França (do Leão Coroado), Sula (presidente dos maracatus de baque-solto) e do mestre Salustiano (do Piaba de Ouro).

"O objetivo do I Encontro de Maracatu do Recife, diz a coordenadora de Eventos da FCCR, Sônia Medeiros, "é revitalizar os conjuntos de baque-virado, considerados de origem africana e centenários, que estão em extinção, pois são apenas nove, enquanto os rurais, origi-

nários da Zona da Mata, são 52 em atividades".

PROGRAMAÇÃO

O I Encontro de Maracatu do Recife tem a seguinte programação: exposições de maracatus e debates nos dias 22, 23 e 24, às 19h, no Museu da Cidade do Recife; dia 25 - exposição em torno do maracatu, no Shopping Center de Boa Viagem, com apresentação de Porto Rico, Elefante, Almirante do Forte, Cruzeiro do Forte, Piaba de Ouro, Estrela de Ouro, de Aliança: de 26 a 28, no pátio de São Pedro, às 20h, exposições de vários conjuntos de maracatus de baque-solto e virado.

NASCIMENTO

Criador da única escola de frevo do País e do único método de dançar o frevo, Nascimento do Passo tem orgulho em dizer que foi professor do Balé Popular do Recife, conjunto folclórico de fama internacional e do bailarino popular mais famoso e aplaudido do Brasil, no momento, o pernambucano Carlos da Nóbrega.

A maior alegria de Nascimento do Passo foi, no ano passado, ter feito exposições em praças públicas da Alemanha e da Bélgica, sendo aplaudido com entusiasmo, participando de uma excursão de artistas populares de Pernambuco, promovida pelo Grupo Artístico Zilda Mola. Fez exposições, também, nos melhores teatros de Berlim e em outros espaços culturais da Europa.

Encontro tenta reerguer os maracatus do Recife

retor de imóveis e se orgulha de te

"Águia de Ouro/ Embarcou para o caboclo". As loas dos maracatus podem variar de ser ouvidos no Carnaval recifense. Em dificuldades, principalmente nas escolas, eles lutam para manter a tradição secular. Na tentativa de reorganização deste quadro, a Fundação de Cultura da Prefeitura da Cidade do Recife e o Jornal promovem, a partir do próximo dia 22, o I Encontro de Maracatus do Recife.

O presidente da FCCR, Roberto Pereira, afirma que a causa em defesa dos maracatus tem que ser defendida pelas instituições públicas e privadas. "Daí a importância deste I Encontro, que tem início com debates e palestras em torno da questão problemática. Junto com os maracateiros teremos estudiosos do assunto, como Leonardo Dantas Silva, Roberto Benjamin, Elza Loureiro, Ademir Araújo, Olympio Bonald e professor José Amaro, entre outros".

Os debates, nos dias 22, 23 e 24, acontecerão no auditório do Museu da Cidade do Recife, sempre às 19 horas. Para abrir o Encontro, na Praça d'Armas, do Museu da Cidade, haverá exposições do Maracatu de Baque Virado Estrela Brilhante e do Maracatu de Baque Solto Leão da Serra.

EXTINÇÃO

Os dias 26, 27 e 28 estão reservados para o desfile de 18 maracatus, sendo nove de baque solto e nove de baque virado, que acontecerá no Pátio de São Pedro. A coordenadora de Eventos da Fundação de Cultura, Sônia Medeiros, afirma que existem no Recife, hoje, apenas nove maracatus de baque virado. "São aqueles de origem verdadeiramente africana. E esse baixo número é um dado preocupante. A sua possível extinção será uma grande perda para a cultura popular mais autêntica".

Portanto, segundo ela, cabe aos órgãos públicos de cultura, a todos os níveis - municipal, estadual e federal - o cuidado, o de não deixar morrer, principalmente, o maracatu de baque virado. E isso já começou, com a definição dos desfilantes. Dia 26, às 20 horas, será a vez do Leão Coroado, Elefante e Admirante do Forte, todos de baque virado, e mais Estrela da Tarde, Águia de Ouro e Piaba de Ouro, de baque solto.

Essanto do Pina, Estrela Brilhante e Indiano, de baque virado, juntamente com Cruzeiro do Forte, Leão Formoso e Leão Brasileiro, de baque solto, desfilam no dia 27. No domingo, dia 28, desfilam Porto Rico, Linda Flor e Cambinda Estrela (baque virado) e Pavão Dourado, Amizinho de Aliança e Leão das Flores de Itaquitinga (baque solto).

COROADO

Telma Chase é a atual presidente do Maracatu Nação Leão Coroado, que representa um marco histórico no patrimônio cultural de Pernambuco. A presença de Telma ocorre em função do Conselho de Entidades Negras de Pernambuco. "É uma ação provisória - exata - enquanto se reestrutura o corpo da diretoria do Maracatu, que possui uma das maiores glórias do Carnaval pernambucano, Luiz de França, hoje com 88 anos, porém presente em todas as edições do Leão Coroado. Ele canta as loas e ensina o folguedo com toda a sua autenticidade aos novos integrantes".

Recentemente, o Maracatu Leão Coroado recebeu do prefeito Joaquim Francisco um terreno, no bairro do Fundão, para fazer a sua sede. Também foi lançado, em dezembro, o álbum *Leão Coroado*, com textos de Raul Lody e fotografias de Humberto Araújo, que homenageia o mais antigo maracatu pernambucano e a Luiz de França.

Sobre o maracatu de baque virado diz Telma Chase: "Nos carregamentos de escravos trazidos para o Brasil, incluíam-se reis, rainhas e príncipes negros. Maracatu é o cortejo real, criado no Pernambuco, que procura resgatar os costumes dos cortejos reais africanos. De origem sudanesa, o maracatu nasceu no Recife, filho legítimo das procissões em louvor a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Liderado pelos negros que na África haviam pertencido à nobreza, o maracatu tinha e ainda mantém uma relação profunda com os terreiros de candomblé e da nação nagô".

Cada maracatu traz o nome da sua região, grupos humanos que possuem identidade histórica e religiosa, que cantam e dançam protegidos espiritualmente, além dos deuses africanos, pela força e a energia da boneca chamada *Calunga*, que detém toda a magia do folguedo, carregada pela personagem que tem o nome de *Dama do Passo*. Quando uma posição valorizada nos meados do século XIX, o maracatu contou com o apoio dos senhores de engenho, no interesse de evitar atitudes de protestos dos negros contra a escravidão, que não foi suficiente para conter a repressão colonial e, mais tarde, policial, o processo de desfiguração cultural, os repressivos e o retraimento para escapar da exterminação.

É nesse ponto que entra a atuação de entidades negras de Pernambuco, como explica Telma Chase: "Entende-se que é necessário criar alternativa a curto prazo, que possibilite aos descendentes de africanos criar e produzir sua própria identidade cultural. São alternativas que minimizem o grau de marginalização e desrespeito determinado pelos mecanismos de exclusão social, e que leve à sociedade a fazer uma tomada de consciência a respeito da valorização da cultura negra no Brasil".

Nesse sentido, o Conselho de Entidades Negras de Pernambuco tomou a iniciativa de elaborar e desenvolver projetos, cujos objetivos estivessem voltados para o renascimento do maracatu de baque virado em Pernambuco. Desta perspectiva, nasceu o projeto *Renascer*.

Maracatu, que pressupõe a busca da consciência no sentido da preservação e difusão da identidade e valores culturais do maracatu de baque virado. A execução inicial do projeto prende-se ao **Maracatu Nação Leão Coroado**, o mais antigo do Brasil, que existe e resiste há quase 130 anos.

BRINCANTES

Um dos mais antigos brincantes de Pernambuco é o maracatuzeiro José Martins de Albuquerque, o Cabeleira, presidente do Maracatu Estrela Brilhante, de Água Fria, fundado em sete de julho de 1910. O perigo do desaparecimento do maracatu de baque virado, segundo ele, está nos próprios maracatuzeiros de hoje, que fogem de uma realidade histórica do maracatu, enxertando coisas que não existem neste maracatu, que na realidade é composto de 11 itens (porta-estandarte, dama de passo, lanço, balana de cordão, damas de frente, baianas ricas, conde e condessa, duque e duquesa, príncipe e princesa, rei e rainha e pagens. Além do batuque).

"Uma outra dificuldade - aponta - é quanto ao seu instrumental, que é formado por bombos, feitos com peles de cabras e bodes. São poucas as que se interessam hoje em fabricar estes instrumentos". Quanto ao seu Maracatu Estrela Brilhante, Cabeleira diz não ter muitas dificuldades de sobrevivência, porque faz inúmeras exposições durante o ano. "E o dinheiro que recebo com estas apresentações não gasto em causa própria; coloco tudo no maracatu".

Elda Ivo Viana é a atual presidente do Maracatu Nação Porto Rico, campeão dos carnavais de 1983 a 86 e 1988 e 89. Ano passado, Elda foi com seu maracatu à Europa e encantou as platéias de rua da Alemanha e Bélgica. Foi coroada rainha do Porto Rico no dia oito de outubro de 1989, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, pelo cônego Miguel Cavalcanti, no Altar de São Domingos. À sua coroação compareceram os maracatus Indiano e Leão Coroado.

Elda recorda que o seu maracatu passou, na década de 80, por muitas dificuldades. "Principalmente depois que o senhor Armando Marques Martins de Arruda foi responsável pelo fechamento do maracatu. Em 1983, junto com a polícia, arrumbei a porta do maracatu, botei ele de novo nas ruas e fui campeã por su-

cessivos anos. No último Carnaval, o maracatu cresceu muito e saiu com 420 figurantes. Contudo, este ano ele sai com menos componentes, porque a inflação está terrível. Mas estou preparada para um novo campeonato".

Presidente do Maracatu Encanto do Pina, desde 1980, Maria José da Silva revela que ele é filho do Maracatu Porto Rico. "Ele estava sob meu comando, mas foi tomado pelo Armando Marques. O deputado Newton Carneiro me ajudou a fundar o Encanto do Pina, que este ano sai às ruas com 150 pessoas". José Gomes da Silva, do Maracatu Almirante do Forte, fundado no Bonji em 1957, diz que sua agremiação vai participar com muita garra no Encontro de Maracatus e do Carnaval-90, apesar das dificuldades financeiras. "O maracatu, geralmente, não tem corpo de associados; só participantes. Então, fica muito difícil a sobrevivência, porque passa a depender quase que exclusivamente das instituições públicas ou da boa vontade de pessoas físicas".

José Gomes de Andrade, preside o Maracatu de Baque Virado Linda Flor, criado no dia 12 de agosto de 1967, em Casa Amarela. Ele também aponta a sua maior dificuldade: "A sede do maracatu caiu e perdemos tudo. Tivemos que recomeçar do zero. Mesmo assim, vou desfilar este ano saindo com 50 figuras. Neste Encontro de Maracatus, esperamos chamar a atenção das autoridades para o resurgimento da sede, que fica na rua Sirigi, Alto do Mandu, em Casa Amarela. Se não receber ajuda das autoridades competentes, morrerá mais um maracatu de baque virado em Pernambuco, o Linda Flor, que tenta desesperadamente sobreviver".

José Gomes, apesar de não ser muito requisitado por escritores e folcloristas, é um lutador pela sobrevivência do folguedo. "Quando Tarcisio José, do Cambinda Estrela, morreu, assumi o maracatu, que era de baque solto. Transformei num baque virado e hoje sou seu tesoureiro. Na presidência está Zildo Alves da Silva. É outro maracatu de baque virado de Casa Amarela".

Antônio Roberto Nogueira Barros é presidente do Maracatu Elefante, desde 1986. Esta agremiação secular foi fundada por Manuel Santiago, escravo da Nação do Congo. Antônio Roberto é gar-

retor de imóveis e se orgulha de ter tirado o maracatu dos museus. Ao Elefante pertenceu a maior rainha do maracatu brasileiro, Dona Santa, hoje dona Madalena.

“Durante todo o ano que passou – conta Roberto – o Elefante foi requisitado para fazer várias exposições para turistas, além de participar de eventos da Fundação de Cultura Cidade do Recife, tais como **A Arte é do Povo**, que aconteceu em vários bairros do Recife, bem como a **Prefeitura Volante**”. O Elefante foi vice-campeão do Carnaval passado e em 1990 promete pisar a passarela com muita vontade de ser o primeiro. “Para isso – ressalta – o Altó do Pascoal está trabalhando com muito afinco”.

SOLTO

“Faia a buzina/ Responde o gongué/
Nossa baiana/ Quebra quando qué”.

Um dos livros mais importantes sobre o maracatu foi escrito pelo maestro e pesquisador Guerra Peixe. No seu **Maracatus do Recife** diz ele: É oportuno realçar o que nos esclareceram os informantes de vários grupos: a gente do maracatu tradicional – Nagô, como dizem, no sentido de africano – é constituído, na maioria, por iniciados nos xangôs. A que prefere o maracatu de orquestra, tende para o catimbó, culto popular de características eminentemente nacionais. Ao que parece, há procedência nas informações, pois nos cânticos do maracatu de orquestra é constante o aparecimento de vocábulos como aldeia, caboclo, Jurema, entre outros, todos refletindo identificações que acusam a preferência religiosa dos seus participantes”.

Um dos mais importantes brincantes do maracatu de orquestra, ou maracatu de baque solto, ou ainda maracatu rural é o mestre Manuel Salustiano, do Maracatu Piaba de Ouro, fundado em 1977, na Cidade Tabajara em Olinda. Diz ele que esta categoria de maracatu foi criada em senzala de engenho, por mestre de açúcar, cortador de cana, limpador de mato, carreiro e cambiteiro.



Carnaval de 89: na passarela da Dantas Barreto, um maracatu de baque virado



Maracatu de baque solto desfila no Carnaval do ano passado

Os grandes maracatus rurais estão em Nazaré da Mata, Aliança e Carpina. Mestre Salustiano considera o mais bonito deles o Cambinda Brasileira do Cumbe, de Nazaré da Mata, criado em 1918. "Outros honra e glória da brincadeira são o Cambindinha, de Araçoiaba, fundado em 1914, e o Estrela de Ouro, de Aliança, presidido pelo ator Severino Lourenço da Silva, um grande líder da classe".

Segundo ele, existem hoje, em Pernambuco, 52 maracatus de baque solto. Orgulhoso, Salustiano diz ter incentivado este tipo de maracatu, na área metropolitana do Grande Recife. "Quando cheguei aqui, o grande maracatu era o Estrela da Tarde. O Piaba de Ouro foi campeão, na sua categoria, em 1981, 1983 e de 85 a 88. A nova associação dos Maracatus de Baque Solto promete desfilar, ano que vem, todos os 52 maracatus rurais, no Carnaval do Recife. E ainda este ano, no Carnaval Levino Ferreira, promete trazer o maior número".

O Maracatu de Baque Solto se apresenta com os seguintes personagens: Catirina, Mateus, Bicheiro, Caçador, Burra Calu, Diretoria, Caboclo de Lança, Baiana, Dama de Passo, Rei e Rainha, Areiámar (caboclo de Pena), Mestre e Contra-Mestre, Porta-Estandarte, Orquestra (com sopro e percussão). Canta marcha, samba de 10 linhas, samba de seis linhas, galope de seis linhas e samba comprido.

João Cícero da Silva criou o Maracatu Pavão Dourado, no Alto da Brasileira, em 1975. "Passei minha infância com os maracatuzeiros, na área canavieira de Carpina. Sofri muitas influências do Maracatu Cambinda Brilhante, de Carpina. Sinto que o Maracatu Rural conquistou o Recife. O meu Pavão Dourado é muito aplaudido por onde passa".

Criado em 1929, no bairro dos Torrões, o Maracatu Cruzeiro do Forte é presidido por Ionete Maria da Silva. O que ela ressalta, em sua agremiação, é quanto ao baque, diferente dos demais. "Cantamos loas muito antigas e até desconhecidas por outros maracatuzeiros. O nosso é considerado o mais luxuoso maracatu de baque solto".

conhecidas por outros maracatuzeiros. O nosso é considerado o mais luxuoso maracatu de baque solto do Grande Recife". Diz ela que este ano o maracatu sairá com 80 pessoas. "Nosso grande problema - reclama - é a falta de uma sede. Mas, por ofício, já solicitei à Prefeitura do Recife a doação de um terreno, no próprio bairro onde a agremiação foi fundada".

João de Souza, do Maracatu Estrela da Tarde, se mostra muito satisfeito com a realização deste I Encontro de Maracatus, justamente por congregar todas as agremiações. "Tenho certeza de que nos debates muitas coisas serão esclarecidas e muitos problemas, resolvidos. Importante também será a exposição sobre maracatu, a ser realizada no Shopping Center Recife, no mês de fevereiro. A pesquisadora Maria de Lourdes Mendes já recolhe material entre os maracatus e está organizando a mostra, que num lugar tão movimentado decerto chamará a atenção do grande público sobre o folguedo".

O Estrela da Tarde foi criado no Alto José do Pinho, em 1942, e já foi o maior maracatu de baque solto, do Grande Recife. Ganhou 23 campeonatos seguidos e 35 alternados. Por problemas internos e financeiros, passou dois anos sem desfilar. "Ano passado, recebemos - recorda João de Souza - no Alto José do Pinho, as visitas dos professores Roberto Pereira e Sônia Medeiros, que procuraram detectar os problemas do Estrela da Tarde. Fizemos ensaio de orquestra, no Pátio de São Pedro, e a vontade de voltar aos Carnavais passou a ser prioridade nossa. Sairemos este ano com 60 figurantes e participaremos com toda a força do I Encontro de Maracatus do Recife".

ROTEIRO | INÊS
CUNHA

Na tentativa de revitalizar os maracatus de baque, que estão em extinção, a Fundação de Cultura realiza encontro no Museu da Cidade

Debates e exposições marcam o I Encontro de Maracatus do Recife

Com a finalidade de revitalizar os maracatus de baque virado (são apenas nove os conjuntos da categoria, considerados de origem africana e centenários, que, no momento, estão em atividade, enquanto os rurais, originários da Zona da Mata são cinquenta e dois) a Fundação de Cultura está realizando desde a última segunda-feira, o I Encontro de Maracatus do Recife.

A primeira fase do evento, encerra-se hoje, às 19 horas, no Museu da Cidade do Recife, quando serão realizados debates sobre esta importante manifestação folclórica do Carnaval recifense, com um painel sobre os problemas enfrentados pelos maracatus.

Lá estarão reunidas diversas personalidades - folcloristas, carnavalescos e estudiosos do assunto - entre os quais Ademir Araújo, Evandro Rabelo, Olímpio Ronald, Elza Loureiro, Leonardo Dantas Silva, Roberto Benjamim, José Amaro, José Benedito da Silva, Manuel Salustiano, Francisco dos Santos, João Pacheco, Severino Lino, Frakité de Santana Nascimento, Guerra Peixe e Raul Lody.

A partir da próxima sexta-feira (dia 26), sempre às 19 horas, no Pátio de São Pedro, o Encontro entra na segunda fase, a de exposições, com a seguinte programação:

Sexta-feira: baque virado - Elefante, Almirante do Forte e Leão Coroado; baque solto - Estrela da Tarde, Águia de Ouro e Piaba de Ouro; Sábado: baque virado - Estrela Brilhante, Encanto do Pinae Indiano; baque solto - Leão Brasileiro, Leão Formoso de Nazaré da Mata e Cruzeiro do Forte, Domingo: baque virado - Porto Rico do Oriente, Linda Flor e Cambinda Estrela; baque solto - Pavão Dourado, Leãozinho de Aliança e Leão das Flores de Itaquitinga.

O I Encontro de Maracatus do Recife prossegue de 1 a 15 de fevereiro, quando será realizada no Shopping Center de Boa Viagem, uma exposição dos acervos dos principais conjuntos pernambucanos, e exibições dos conjuntos Porto Rico do Oriente, Elefante, Almirante do Forte, Cruzeiro do Forte, Piaba de Ouro e Estrela de Ouro de Aliança.



Atualmente Pernambuco conta apenas com nove conjuntos da categoria, considerados de origem africana e centenários

Maracatus fazem exibição no Pátio

A TV Jornal e a Fundação de Cultura Cidade do Recife estão promovendo o I Encontro de Maracatus do Recife, com a finalidade de reviver para o público toda a beleza, o misticismo, o encanto e a tradição de uma das manifestações folclóricas mais ricas e tradicionais do nosso Carnaval. Na primeira fase, foram realizadas palestras e debates com Leonardo Dantas Silva e Roberto Benjamim, no Museu da Cidade do Recife, com a participação de inúmeros pesquisadores, estudiosos do tema e carnavalescos.

Agora, a partir de amanhã, no Pátio de São Pedro, os mais famosos maracatus estarão fazendo exposições para o povo. Lá estarão, das 19 horas em diante, Elefante, Estrela da Tarde, Almirante do Forte, Águia de Ouro, Leão Coroado e Piaba de Ouro. No sábado, será a vez de Estrela Brilhante, Cruzeiro do Forte, Encanto do Pina, Leão Formoso de Nazaré da Mata, Indiano e Leão Brasileiro.

Afoxé, um jeito alegre de contar o drama do negro

Mesmo sendo encarados com certa reserva no Carnaval olindense, os blocos afros e os afoxés já se preparam para a grande festa. Os grupos pretendem apresentar nas ladeiras de Olinda não apenas o bater e o batuque dos atabaquis e agogôs, mas mostrar aos foliões cenas da história do negro.

O maior afoxé de Olinda, o Alafim Oyo (rei da cidade de Oyo), sai pela primeira vez, desde sua fundação há quatro anos, regido por um tema. O grupo desfila na avenida contando a história de Oyo, cidade nigeriana. Márcia Diniz, da executiva do Afoxé, disse que os mais de 500 associados vão descer as ladeiras de Olinda com fantasias que refletem o ambiente e as vestimentas dos homens e mulheres de Oyo. "O Carnaval é uma boa oportunidade para mostrar a todos um pouco da nossa história", assinalou. Segundo ela, o afoxé que sai no sábado e na 3ª feira de Carnaval no início da noite se-

guirá o mesmo percurso dos anos anteriores com a saída na igreja de Guadalupe.

Antes do Carnaval, segundo Márcia, o afoxé promove dois grandes eventos. No domingo será realizado o II festival de música Alafin Oyó para escolher as músicas do Carnaval. O festival acontece às 15h no Centro de Arte Popular de Olinda onde, semanalmente, o afoxé realiza ensaios e cursos. A outra prévia carnavalesca programada pela associação pretende trazer à Olinda o bloco afro de Salvador, Olodum. Márcia explicou que o bloco baiano já faz sucesso no Exterior e vem a Olinda para lançar seu terceiro disco. A festa do dia 3 ainda não tem lugar confirmado, porém, Márcia esclareceu que será a grande festa dos candomblés de rua.

Quanto ao preconceito que ainda existe por parte dos carnavalescos e dos próprios foliões que lotam Olinda nos dias do Carnaval, Márcia disse que os

cinco grupos afros de Olinda não estão preocupados. "Sabemos que os maracatus e o frevo são tradicionais, mas já conquistamos o nosso espaço". Assinalou que a intenção dos afoxés e blocos afros é divulgar a cultura negra através dos sons e da música afro.

TRADIÇÃO

Embora fundado há apenas 4 anos, o afoxé, segundo Márcia já é conhecido nacionalmente, principalmente pelo seu caráter de incentivador dos movimentos negros no Nordeste. Márcia explicou que o grupo não "vive" só no Carnaval. "Durante todo o ano promovemos ensaios, cursos de dança, percussão e discussões, que vão desde a sexualidade do negro à sua participação política na vida brasileira". Márcia disse que o afoxé estimula ainda os cultos religiosos negros. "A nossa intenção é resgatar o espírito religioso e místico do negro pernambucano", assinalou. O afoxé cultua xangô, orixá que rege o grupo.



A Escola Gigantes do Samba, na passarela, no Carnaval do ano passado

Ensaio Geral

Ao ritmo do samba, Gigantes começa cedo o Carnaval

O frevo que se cuida: despontando como uma das preferências do carnaval pernambucano, ao longo dos últimos anos, o samba chega aos anos 90 para ocupar um lugar definitivo nessa grande festa popular e parece que é pra valer. A Escola Gigante do Samba vai pisar no asfalto este ano levando com antecedência de quase um mês seu enredo e sua música ao coração do mundo social e artístico de Pernambuco, na festa "Ensaio Geral", que será a inauguração em grande estilo do carnaval do Recife, sexta-feira 2 de fevereiro, no Cabanga Iate Clube.

"Ensaio Geral" vai reunir, ao redor do colunista João Alberto, que é o homenageado deste ano do samba enredo "20 Anos de Sucessos" da Gigantes do Samba, intelectuais, empresários, socialites, artistas e políticos nos salões do Cabanga Iate Clube, tentando repetir uma tradição muito comum no Rio de Janeiro, o berço do ritmo que a Gigantes leva às ruas do Recife desde 16 de março de 1942, quando foi fundada no Alto do Pascoal e de onde partiu para uma carreira plena de vitórias.

VERDE E BRANCO

Além da própria Bateria da Escola, a Gigantes do Samba terá na sua festa a participação da Swing Big Band, que preparou um repertório não só de sambas, mas de marchas, frevos, ritmos que darão um caráter nacional ao carnaval do Cabanga. A ideia do "Ensaio Geral" aliás, é formar uma tradição no carnaval pernambucano, acolhendo o samba como um dos seus ritmos, e repetir daqui em diante esse hábito de aproximar a sociedade das manifestações mais legítimas do povo pernambucano.

Criado por Wagner Nogueira, o cartaz da festa "Ensaio Geral" é apenas um detalhe a mais no bom gosto que ronda a produção, que é da Companhia de Eventos. Vestido de verde e branco pela decoração assinada por Walter Holmes, o Cabanga repetirá as grandes noites das quadras da Estação Primeira da Mangueira, da Unidos de Cabuçu da Beija Flor de Nilópolis, da Escola de Samba Portela e de todas as agremiações que, no Rio de Janeiro, agitam os finais de semana desde dezembro de cada ano até o carnaval de fevereiro ou março.

Finalmente, a Escola Gigantes do Samba também tem uma história respeitável: com 48 de existência foi a campeoníssima em vários carnavais, sempre competindo com a Estudantes de São José, com a Galeria do Ritmo e, recentemente, com a Samarina, com mais de 1.500 sambistas e uma bateria considerada a melhor do carnaval pernambucano, a Gigantes do Samba tem uma águia como símbolo e sairá este ano com cinco carros alegóricos que, no melhor estilo originalmente carioca, estão sendo aguardados a sete chaves.

"A Lenda de um Jangadeiro", em homenagem a Olinda, que saiu às ruas em 1987, "Recado do Verde", com um enredo ecológico, em 1988 e "O Brilho das Estrelas", um tributo a Clara Nunes, Elis Regina, Mãe Menininha, Alavanca (mestre de bateria da escola) e Chacrinha, em 1989, foram as mais recentes vitórias da Gigantes do Samba. Com "20 Anos de Sucessos", em homenagem ao colunista do DIÁRIO João Alberto, pretende a escola, finalmente, levar o que há de mais representativo na sociedade pernambucana a ter samba guardado no fundo da alma de suas mais importantes tradições.